

Guilherme Dantas Ferreira

O negacionismo na pandemia do Covid-19 e a Psicanálise

Uberlândia

2022

Guilherme Dantas Ferreira

O negacionismo na pandemia do Covid-19 e a Psicanálise

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Airton Pereira do Rêgo Barros

Uberlândia

2022

Guilherme Dantas Ferreira

O negacionismo na pandemia do Covid-19 e a Psicanálise

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Airton Pereira do Rêgo Barros

Banca Examinadora

Uberlândia, 29 de março de 2022

Prof.^a Prof. Dr. Airton Pereira do Rêgo Barros (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof.^a Dr.^a Miriam Tachibana

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof.^a Dr.^a Tatiana Benevides Magalhães Braga

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Uberlândia

2022

Resumo

A pandemia da Covid-19 escancarou uma contradição do século XXI, na qual a “era informação” se transformou em um mar de *fake news* e o negacionismo. Com isso, é possível perceber, junto com o crescimento do negacionismo, atrelado a ele, práticas necropolíticas e grupos em massa que impulsionam *fake news*. O presente trabalho tem como objetivo analisar a retórica negacionista presente na dinâmica da pandemia de COVID-19 no Brasil através da ótica psicanalítica, de modo a compreender as dimensões do negacionismo científico durante a pandemia do Covid-19. Esse trabalho tem como objetivo compreender as dimensões do negacionismo científico durante a pandemia do Covid-19 a partir das seguintes dimensões: A pandemia de COVID-19 no Brasil, O negacionismo na Pandemia do COVID-19, O Negacionismo e a história, Negacionismo, Negação e Luto. Por fim, foi possível entender que o discurso negacionista produz práticas e articulações que não previnem por completo a população em relação a pandemia, deixando assim, a população em um risco maior que poderia ser evitado.

Palavras chave: Negacionismo, Covid-19, Psicanálise, Negação.

Abstract

The Covid-19 pandemic has shone through a 21st century contradiction in which "information was" turned into a sea of fake news and denialism. With this, it is possible to perceive, along with the growth of denialism, tied to it, necropolitical practices and mass groups that drive fake news. The present work aims to analyze the denialist rhetoric present in the dynamics of the Covid-19 pandemic in Brazil through the psychoanalytic perspective, in order to understand the dimensions of scientific negaism during the Covid-19 pandemic. For this, we chose to analyze the following fronts: The Covid-19 pandemic in Brazil, Denialism in the Covid-19 Pandemic, Denialism and history and Denial and Mourning. Finally, it was possible to understand that the denialist discourse produces practices and articulations that do not completely prevent the population in relation to the pandemic, thus leaving the population at a higher risk that could be avoided.

Keywords: Denialism, Covid-19, Psychoanalysis, Denial.

Sumário

Introdução	7
Metodologia	9
Discussão	10
A pandemia de Covid-19 no Brasil	10
O Negacionismo e a história	13
O negacionismo na Pandemia do Covid-19	18
Negação e Luto	20
Considerações Finais	21
Referências	22

Introdução

Em meados de dezembro de 2019, foi confirmado em Wuhan, na China, o início de um surto de pneumonia, até então, com causa desconhecida. Posteriormente, foi identificada a etiologia da doença, um novo Coronavírus nomeado como *Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2* (SARS-CoV-2), sendo assim o vírus responsável pelo Covid-19 (OMS, 2020). Cerca de dois meses depois, em 17 de fevereiro de 2020, o vírus já havia sido encontrado em mais de 27 países, com o número de infectados registrados passando de 70 mil (OMS, 2020). Desde então, o vírus se espalhou no mundo e em 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a doença como uma emergência internacional, fazendo com que a atenção da comunidade científica ficasse no campo da saúde global (WHO, 2020).

Ainda em junho de 2020, tinham sido constatados no mundo todo mais de 7 milhões de casos e aproximadamente mais de 400 mil mortes causadas pelo Covid-19. Nesse momento, nenhuma outra patologia transmissível por um vírus tenha produzido tamanho número de casos e óbitos em um prazo tão curto nos últimos 100 anos na história (Buss, 2020).

Com isso, desde o surgimento do vírus, cientistas, biólogos, infectologistas e outros pesquisadores vêm se dedicando a entender a ecologia e a ação patogênica do coronavírus, de modo a achar tratamentos e medicamentos eficazes, assim como a criação de vacinas, para uma proteção mais perpetuadora da doença (Caponi, 2020). Até o presente momento da produção deste texto, a vacinação de toda a população, o isolamento social, aliado a outras medidas como o uso de máscaras, aumento de leitos, UTI e respiradores nos hospitais, aumento de testes, medidas de higiene e saneamento constituem-se no melhor modo de prevenção contra a pandemia.

A rapidez com que a doença se espalhou no mundo criou um alarde social frente à doença, no qual pouco se conhecia, criando um clima de incerteza exacerbada e insegurança por parte da população. O controle da grave situação sanitária em que se transformou a

pandemia foi, entretanto, agravado por outro cenário incidente: a rápida disseminação global de informações (Wang, 2019). Esse incidente se traduz no crescimento de *fake news* e discursos negacionistas, revelando uma outra camada de enfrentamento e preocupação perante a pandemia. Esse problema social e sanitário no enfrentamento da Covid-19 demonstra importância da discussão da presença de discursos negacionistas, negacionismo científico e *fake news* em todos os âmbitos sociais, como a saúde pública, políticas públicas e debates.

O termo “fake news” não tem uma definição definitiva, comumente é traduzido como notícia falsa, mas tem como um conceito próximo o de “histórias falsas que parecem ser notícias, espalhadas na Internet ou usando outros meios de comunicação, geralmente criadas para influenciar ideias políticas ou como uma piada” (Cambridge, 2020). No que diz respeito à pandemia, as informações falsas disseminadas nas redes digitais e sociais são especialmente preocupantes para a saúde pública, considerando que podem prejudicar a eficácia de campanhas, programas e o combate que visam à saúde, proteção e ao bem-estar dos cidadãos (Pulido, 2020). De acordo com um estudo feito pela Fiocruz (2021), que identifica as principais notícias falsas relacionadas com a Covid-19, cerca de 24% dos entrevistados acreditam que a doença como uma estratégia política e 15% como sendo uma farsa.

Já o negacionismo, são muitos e heterogêneos, o que cada um se refere a um fenômeno complexo, mas que se articulam. O negacionismo do racismo, por exemplo, está relacionado ao negacionismo histórico dos movimentos recentes e do negacionismo da escravidão brasileira. Já o negacionismo da pandemia, no que lhe concerne, está relacionado ao negacionismo científico: negação de discursos científico, vacina, medidas preventivas e da gravidade da COVID-19 (Morel, 2021). Assim, de modo paralelo, com a propagação do vírus, tem-se o viral de notícias falsas e discursos negacionistas, no qual o desconhecer, estar desinformado ou agir de má fé podem levar sujeitos a prejudicar os esforços dos profissionais de saúde e autoridades sanitárias que trabalham no combate à pandemia (Galhardi, 2020).

Com isso, esse trabalho tem como objetivo compreender as dimensões do negacionismo científico durante a pandemia do Covid-19 no Brasil.

Metodologia

Este trabalho consiste em um trabalho teórico composto por duas atividades: a primeira é um levantamento bibliográfico, de maneira a coletar dados sobre a pandemia da Covid-19 no Brasil que possam se aprofundar em uma discussão teórica; a segunda consiste na análise do levantamento para compreender as dimensões do negacionismo científico durante a pandemia do Covid-19 no Brasil.

A revisão bibliográfica foi feita a partir da seleção de artigos para compor a construção dessa pesquisa, que se deu da seguinte forma: foi pesquisado na plataforma SCIELO entre aspas “Negacionismo na pandemia de Covid-19” e “Negacionismo na pandemia de Covid-19 no Brasil e no Mundo”, “Negacionismo e pandemia” e “História do negacionismo”. Procuramos filtrar artigos, em relação a Covid-19, que retratam a situação do Brasil dentro da pandemia da Covid-19, assim, foi pesquisado também dentro da plataforma GOOGLE ACADÊMICO as mesmas palavras.

Na segunda atividade, foi feita a análise dos dados e conforme a leitura separamos o estudo nas seguintes dimensões: A pandemia de Covid-19 no Brasil, O negacionismo na Pandemia da Covid-19, O Negacionismo e a história, Negacionismo, Negação e Luto. As dimensões foram pensadas para criar um panorama do que foi o negacionismo na história e como ele está presente na pandemia da Covid-19 no Brasil, como também apresentar conceitos psicanalíticos de Freud da Negação e Luto. Desse modo, procuramos percorrer pontos importantes e relevantes da doença no país e a sua relação com a história e a psicanálise.

Resultados e Discussão

A pandemia de COVID-19 no Brasil

Uma das primeiras mortes por coronavírus registrada oficialmente no Brasil e divulgada pela imprensa ocorreu no dia 17/03/2020. A vítima foi uma empregada doméstica, de 63 anos, que trabalhava na casa de um casal, que tinha acabado de chegar de uma viagem pela Europa, onde foram contaminados com o vírus (Berlinck, 2021). Esse quadro retrata de forma simbólica como a pandemia atingiu o país.

No Brasil, em março de 2020, o Ministro da Saúde até então, Luiz Henrique Mandetta, buscou estabelecer protocolos para preparar o Sistema Único de Saúde, apresentando dados ao governo federal, projeções e medidas de prevenção que deveriam ser tomadas no começo da pandemia no país. Entretanto, as medidas não foram tomadas e o ex-ministro deixou a pasta que comandava devido os desentendimentos após o governo começar a promover remédios ineficazes, como a cloroquina e a hidroxicloroquina (Mandetta, 2020). Posteriormente, é feita a troca de Ministros, passando para Nelson Teich, para um mês depois, também ser demitido pelo mesmo motivo de Mandetta (Lopes & Leal, 2020). Com isso, em maio do mesmo ano, o general Eduardo Pazuello, especialista em logística, assume o cargo no Ministério da Saúde interinamente, estabelecendo um protocolo de incentivo do uso de medicamentos não comprovados promovidos pelo governo federal, o que faz laboratórios do Exército passar a produzir a hidroxicloroquina, chegando a um estoque estarrecedor de mais 1,85 milhões de unidades (Correio Braziliense, 2020).

Essa postura e falta de estabilidade do governo federal, no que se refere a pasta, provoca questionamentos da população em relação ao tratamento e medidas protetivas referente à pandemia, o que resulta na negligência da própria população com os cuidados contra a COVID-19 (Lopes & Leal, 2020). Para Batista (2007), a razão humana é prejudicada pelas informações confusas, comprometendo o poder de decisão da população que está afetada por aspectos

emocionais, como medo, por exemplo. De acordo com OMS (2018), para que a população confie nas informações é preciso, nestas circunstâncias, a utilização de comunicação de riscos de modo funcional, acessível e transparente. A divulgação de dados referente aos números da evolução de casos e óbitos da pandemia era feita diariamente no país, mas em junho de 2020, foi interrompida pelo governo federal, só voltando depois de protestos a ser divulgada tarde da noite e não sair no jornal televisivo de maior circulação do país, o Jornal Nacional (Giovanella et al 2021).

Em relação aos óbitos, desde o surgimento do primeiro caso no Brasil em fevereiro até setembro de 2020, o país já havia registrado cerca de 4,7 milhões de pessoas infectadas e quase 142 mil óbitos (Brasil, 2021). Entretanto, quase um ano depois, em setembro de 2021, o país registra um total de 20,8 milhões de casos e o número de 580 mil óbitos de COVID-19 (Brasil, 2021). É importante ressaltar que, de acordo com Pedro Hallal, epidemiologista e pesquisador da Universidade Federal de Pelotas, esse número poderia ter sido menor. O pesquisador relata que quatro em cada cinco mortes pela doença no país poderiam ser evitadas caso o governo federal tivesse adotado medidas protetivas, como o uso de máscaras, distanciamento social e campanhas de orientação, como também a aquisição de vacinas (Agência Senado, 2021).

Em meio ao cenário da pandemia, ainda em 2020, começa-se uma corrida das vacinas, na qual profissionais procuram encontrar maneiras mais rápidas para criar uma vacina eficaz contra o vírus. Foram cerca de 200 projetos de desenvolvimentos registrados na OMS. Agora em 2021, temos 14 imunizantes contra Covid-19 aprovados no mundo todo, como os da Pfizer/BioNTech, da Moderna e da Oxford/AstraZeneca. De acordo com a OMS, existem cerca de 91 vacinas em fase clínica, isto é, já estão sendo testadas em seres humanos e 184 no estágio anterior com a pesquisa em laboratório (OMS, 2020).

No Brasil, o Ministério da Saúde (MS) apresentou como projeto de combate à doença o chamado Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19, definido

como Emergência de Saúde Pública Importância Internacional (Brasil, 2021). Em relação à produção de vacinas, o Informe Técnico Nacional do plano levou a público o panorama de vacinas da OMS, conforme supracitado, no qual foram selecionados como capazes a inserção na rede pública de saúde: sendo a CoronaVac proveniente da Farmacêutica Sinovac/Butantan; e a AstraZeneca produzida pela Universidade de Oxford em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e com o Instituto Serum da Índia, ambas constituídas respectivamente pelo vírus inativado SARS-CoV-2 e o adenovírus recombinante (Brasil, 2021).

Entretanto, de acordo com Aragão e Funcia (2021), a dependência de tecnologia externa junto com políticas de austeridade fiscal na qual, de um lado a falta de investimentos no Sistema Único de Saúde (SUS) e do outro a retirada de investimento na área de pesquisas, contribuem para deixar a população brasileira ainda mais vulnerável durante a pandemia. Dessa forma, temos por exemplo, o caso dos insumos farmacêuticos ativos utilizados pelo Instituto Butantan e pela Fiocruz na produção dos imunizantes contra a COVID-19, frequentemente paralisada em função da interrupção ou atraso da oferta internacional.

De acordo com Santos (2020), momentos de crises epidêmicas são acompanhados com exacerbação de crises econômicas e cenários de desigualdade em escala mundial. Entende-se, que em situações críticas como essa, o papel do Estado e de seus governantes é central para coordenação de ações e estratégias de enfrentamento, como também mitigação de suas consequências sociais no âmbito nacional, somando também o direcionamento do comportamento dos indivíduos, a fim de fomentar uma coesão social (Hamilton & Safford, 2020). Segundo Carvalho et. al. (2021) a vulnerabilidade social e a pobreza amplificam os efeitos da crise sanitária, na qual a pandemia afeta de maneira mais intensa os grupos mais vulneráveis, incluindo minorias étnico-raciais, com baixo grau de escolaridade, trabalhadores temporários, desempregados ou em condições insalubres, que vivem em regiões desassistidas e habitam moradias precárias.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) mostram que cerca de 70% das famílias de baixa renda e extremamente pobres possuíam algum membro familiar beneficiário do Auxílio Emergencial, um dos benefícios criados pela *Lei n° 13.982/2020*, para o enfrentamento da COVID-19. Durante a pandemia, acesso a tais recursos e fontes de rendas garantiu um padrão mínimo de consumo e bem-estar para parcela expressiva da população brasileira, contribuindo para uma diminuição dos níveis de pobreza e de desigualdade. Porém, por serem temporários alguns desses benefícios, conforme o Auxílio Emergencial, podem deixar a população sem a segurança de uma renda mínima para se sustentar durante a crise na pandemia, o que reflete em mais vulnerabilidade ao vírus (Carvalho et al, 2021).

O negacionismo na história

No seu livro “A Era dos extremos”, o autor Eric Hobsbawm destaca para o radicalismo e o ódio na política presentes no século XX, de modo que foram materializados por crimes em massa perpetrados por Estados autoritários, estes que negavam a humanidade de grupos sociais minoritários. A partir disso, o termo negacionismo como é entendido hoje, foi utilizado pela primeira vez pelo historiador Henry Rousso (1990) ao se referir àqueles que negavam a existência das câmaras de gás e do extermínio em massa dos judeus durante o holocausto alavancado pela Alemanha nazista no período da Segunda Guerra Mundial. Desse modo, o termo foi popularizado, no período pós-guerra, ao relatarem que o extermínio de judeus havia sido uma grande farsa histórica patrocinada por grandes interesses políticos e econômicos (Rousso, 1990).

Esse termo foi usado em sentido contrário pelos próprios negacionistas, formando assim uma “escola revisionista”, denominada pelo negacionista Roubert Faurisson, de modo que começaram a conferir credibilidade intelectual e científica, entretanto, se baseavam na

falsificação e distorção de evidências, criando uma confusão no debate público (Traverso, 2019). Atualmente, esse grupo dissemina suas ideias pela Internet em inúmeros *websites* pessoais, institucionais, fóruns e redes sociais, o que não acontecia até meados dos anos 1990, o material negacionista pode ser acessado por qualquer pessoa e em diferentes línguas (Castro, 2015).

Em 1904, a cidade do Rio de Janeiro estava passando pelo ápice de uma epidemia de varíola. Nesse período, a cidade se encontrava em um contexto de insatisfação popular devido à obrigatoriedade da vacinação antivariólica, no qual a lei ainda dava direito aos vacinadores entrarem a força nas residências dos moradores para vaciná-las e, em caso de recusa, poderiam prendê-las (Bueno, 2005). Tal insatisfação se intensificou e se transformou em um movimento que ficou conhecido posteriormente como A Revolta da Vacina. Esse movimento foi fruto de uma movimentação popular, não só contra a vacina obrigatória, mas tinha também reivindicações, críticas às condições sociais e as medidas coercitivas no qual a vacina era aplicada aos cidadãos (Verani, 2011).

Ademais, no imaginário popular, a vacina poderia causar a varíola e não a prevenir, como também havia quem acreditasse que a vacina na verdade era feita do sangue de ratos que eram comprados pelo governo, ou ainda mais longe, outros acreditavam que, pela a vacina ser fabricada a partir de substâncias extraídas de animais bovinos, quem se vacinasse ficaria com aspectos de físicos de uma vaca (Bueno, 2005). Ademais, muitos homens, por questões morais do período, não aceitavam que sua esposa e filhos mostrassem seus braços, coxas e colos para serem vacinadas por outros homens (Bueno, 2005). As charges a seguir refletem as críticas feitas durante o período da Revolta da Vacina, no qual retratam a visão da população em relação a vacinação obrigatória imposta pelas autoridades do Rio de Janeiro.

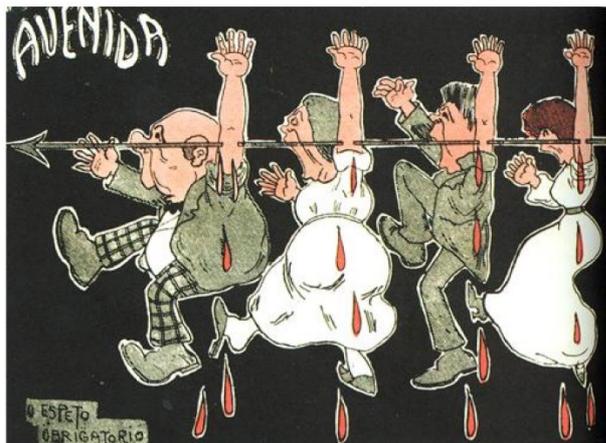


Figura 1. Charge ‘O espeto obrigatório’
 Fonte: ‘A Avenida’, outubro de 1904.



Figura 2. Charge ‘Guerra Vaccino - Obricateza’
 Fonte: ‘O Malho’, 1904

Já gripe espanhola foi uma pandemia que ocorreu entre os anos 1918 e 1919, que tinha esse nome por Espanha ser o primeiro país a noticiar a dimensão da doença (Campos Filho, 2020). No livro “A Bailarina da Morte: a gripe espanhola no Brasil”, de Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling, retratam como ocorreu o negacionismo por parte das autoridades. Em Recife, na tentativa de maquiar as estatísticas que mostravam um elevado número de óbitos, no qual durante setembro e outubro de 1918 o registro de mortes foi superior a qualquer outro período da história da cidade, as autoridades da cidade criaram um neologismo para a gripe, chamado de *tanatomorbia* composto pelo termo grego thanatos, morte; e pelo latino

morbus, doença. Assim, utilizando esse termo, as pessoas não morreriam pela gripe espanhola, mas sim por essa “doença” que levaria à morte (Schwarcz & Starling, 2020).

Ainda no livro das autoras (Schwarcz & Starling, 2020), é relatado o desespero da população referente à pandemia da gripe, que fica evidente na busca por remédios milagrosos, descritos em vários casos analisados pelas autoras. O caso mais marcante foi o remédio “quinino”, uma substância presente na água tônica e que foi (e ainda é muito) utilizado no tratamento da malária. Entretanto, tal remédio não funcionava para a gripe espanhola, mas causava danos graves na audição de quem usava. Entretanto, o mais surpreendente é que o quinino é um dos componentes da cloroquina, remédio ineficaz contra COVID-19 promovido por autoridades do país.

Desse modo, em Henri Rousso (2004) e Pierre Vidal-Naquet (1988), entre outros, temos o negacionismo e os estudos sobre ele tiveram protagonismos importantes na busca da compreensão de farsas históricas e da contraposição a elas. Conforme supracitado, as “falsificações” da história do passado são construídas para negar as experiências como o extermínio dos judeus e outras tragédias produzidas pelos homens, como também a gripe espanhola e a revolta da vacina (Fernandes, 2021). Os historiadores Naomi Orestes e Erik Conway (2011) nominaram os negacionistas da ciência como “mercadores da dúvida”, no qual se constituem em cientistas que contrariam a ciência já consolidada, em função de interesses políticos e econômicos, ao lado de revisionistas ideológicos de causalidades de tragédias, indicadas por Rousso (2004) como farsas históricas. Ampliando esse debate, como Achille Mbembe (Bontempo, 2020), incorpora o conceito de necropolítica, que se refere a uma política de Estado que se revela na formulação governamental onde se decide quem deve viver ou morrer, com extermínio, geralmente da população pobre, indígena e negros.

Ademais, no século XXI apresenta-se novas camadas a prática do negacionismo, surgindo assim a era pós-verdade. A pós-verdade é um neologismo no qual se refere ao cenário,

onde, no momento de criar e modelar a opinião pública, os fatos e os objetivos têm menos importância do que crenças pessoais e apelos emocionais. De acordo com Christian Dunker (2017), esse fenômeno envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações e fontes plausíveis misturadas em um conjunto que é absolutamente falso e interesseiro. O autor acrescenta que, esse conceito, constitui-se na revitalização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e na valorização do discurso emotivo. A era da pós-verdade se caracteriza na quebra de confiança no relacionamento humano e essa quebra dentro de instituições cria-se uma predisposição às crenças e teorias da conspiração, criando assim, um campo favorável à desinformação (D'Ancona, 2018).

O negacionismo na Pandemia de Covid-19

O negacionismo presente na pandemia é aquele que está articulado ao negacionismo científico: quem nega a gravidade da Covid-19 parte, muitas vezes, da negação dos discursos científicos. Dessa forma o negacionismo passa a se manifestar mais fortemente através da prescrição e aceitação de intervenções e tratamentos sem validação científica, como por exemplo, no caso da divulgação de remédios sem eficácia comprovada e com efeitos colaterais extremamente sérios na chamada “política de tratamento precoce” do Covid-19. A automedicação indevida promovida como política pública, aliada a recusa da vacinação e das medidas de isolamento e prevenção do COVID-19 como uso de máscaras, se configuram como as principais atitudes negacionistas (Caponi, 2020). O Governo Federal e muitos dos seus adeptos têm promovido a quebra das medidas de distanciamento e isolamento social, incentivando aglomerações e o não uso de máscaras (Muratori, 2021). Além disso, o governo tem incentivado o uso de tratamentos farmacológicos (antimalárico, anti-helmíntico de uso veterinário, remédio contra piolho e sarna, edema retal de ozônio) sem qualquer comprovação de eficácia para a COVID-19 (Falavigna, et al 2020).

No Brasil, de acordo com uma pesquisa da Datafolha de 2021, cerca de 23% dos 2.071 entrevistados, cerca de 1/4, afirmou ter feito uso precocemente e sem prescrição médica de medicamentos para se prevenir da doença, mesmo quando não existe nenhum medicamento no mundo que possui indicação para ser usado para tal prevenção (Batista, E. L, 2021). Outra pesquisa realizada pelo Ibope entre os dias 27 e 29 de agosto de 2020, apontava que, um a cada quatro brasileiros não tinham certeza se iriam tomar a vacina contra a Covid-19, sendo que, desses 25% dos entrevistados falaram que, “não acredita que a vacina seja segura”; “Bill Gates afirmou que a vacina pode matar cerca de 700 mil pessoas”; “a vacina pode ter chips implantados para controle da população” e “a vacina é produzida a partir de células de fetos abortados”, como justificativa para não tomar a vacina (Cambricoli, 2020).

Em certo momento, em que os números de óbitos estavam subindo em escala exorbitante, principalmente na cidade de Manaus, começam a surgir argumentos no quais os caixões funerários estavam sendo enterrados vazios ou que os números de casos divulgados pelas secretarias estaduais de saúde foram fraudados, pois, os hospitais estariam “vazios” e as entidades de saúde estavam fazendo laudos falsos referentes aos óbitos por Covid-19 (Morel, 2021). De acordo com Perini (2019) um dos caminhos comuns do negacionismo é desqualificar e agredir cientistas e o discurso científico, sem necessariamente argumentar de fato sobre, somente apresenta uma narrativa que se encaixa para o grupo em comum.

De acordo com Kenneth Camargo (2020), o negacionismo como é apresentado atualmente tem cinco características observadas nos últimos meses em discussões públicas sobre a pandemia: 1) identificação de conspirações, 2) utilização de falsos *experts*, 3) seletividade em fatos, acontecimentos ou artigos isolados que contrariam o consenso científico, 4) criação de expectativas impossíveis para a pesquisa e por último, 5) o uso de deturpações ou falácias lógicas. Desde a sua campanha eleitoral, o presente governo já apresentava comportamentos negacionistas com seu desprezo pelas Universidades Públicas, pelas

pesquisas científicas e pelos direitos das populações vulneráveis, como comunidade indígena, comunidade LGBT, mulheres em situação de violência (Caponi, 2020). Porém, na pandemia, o Presidente da República incentiva de maneira bem clara, "validando" retóricas e discursos negacionistas sobre a Sars-Cov-2. Em um dos seus primeiros pronunciamentos sobre a pandemia, ele se refere a doença como uma "gripezinha", chegando também a insinuar que a China poderia ter criado o coronavírus e ambos pronunciamentos aconteceram mais de uma vez (Rodrigues, 2021).

O negacionismo, então, no Brasil, apresenta-se em uma lógica do neoliberalismo, no qual se enquadra no suposto dilema da pandemia, no qual se está o debate entre salvar vidas ou a economia. Diversos autores destacam que, mesmo com vários estados adotando políticas de isolamento, falta-se uma articulação centralizada de políticas que invistam na conscientização dos riscos do Covid-19 e na criação de estratégias e ações socioeconômicas de ajuda às populações vulneráveis (Borges et al. 2020).

Negação e Luto

Temos como primeira concepção da negação, uma noção do contrário ao seu oposto. Essa concepção aparece em *A Interpretação dos Sonhos* de Freud (1900), na qual ele sustenta que os sonhos são a realização de um desejo. Assim, quanto em um sonho se apresenta uma negação ou oposição, temos uma realização de algum desejo, "não há maneira de decidir, num primeiro relance, se determinado elemento que se apresenta por seu contrário, está presente nos pensamentos do sonho como positivo ou negativo" (Freud, 1900 p.324).

Em seu texto *A negação* (1925), Freud retrata a negação (*Verneinung*) como simplesmente a recusa do sujeito em aceitar a existência ou realidade de uma situação que, para ele, é penosa demais para ser tolerada. Isto é, o sujeito dá como inexistente um pensamento ou sentimento que lhe causa uma angústia muito grande. Desse modo, não supõe uma afirmação.

A negativa, então, seria uma forma de tomar o conhecimento do recalcado, de modo que uma suspensão (*Aufhebung*) do recalque, mas sem a aceitação (*Annahme*) daquilo que fora recalcado. Desse modo, conforme no texto, tem-se o reconhecimento do inconsciente pelo eu, mas que é expressado de maneira negativa. Conforme a dimensão de reconhecimento (*Anerkennung*) no movimento de suspensão do recalque, esse eu não admito o que está no inconsciente, mas o reconhece neste ato de não-admissão.

Dessa forma, a negação é a máscara retirada do rosto e posta como um poderoso véu no mundo, uma configuração que permite o sujeito escapar de uma verdade desconfortável, dolorosa ou mesmo insuportável. Assim, quando a realidade é invadida pelo desconhecido ela se torna irreal e o medo o faz simplesmente negá-la (Jorge, 2020).

Em agosto de 2021, o Brasil chega a mais de 500 mil mortos pela COVID-19 (Brasil, 2021). É possível imaginar, com esse número, a quantidade de familiares e entes queridos que foram perdidos nesse período da pandemia. Ademais, é de conhecimento geral que o luto e a tristeza tomam conta do indivíduo quando este perde um ente querido, lembrando que, muitas pessoas possam ter perdido vários vínculos nesse período. Com isso, o modo como esse sujeito vai lidar com a perda vai depender da forma como ele reage frente a situações que lhe trouxeram frustrações no decorrer da sua vida (Cocentino & Viana, 2011).

Na literatura, temos a divisão desse processo de luto, dividido por os seguintes estágios: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Entretanto, esses estágios não ocorrem necessariamente em uma ordem, mas é comum que o indivíduo passe por pelo menos dois deles, podendo ocorrer que este possa estar estagnado em um único estágio, por um longo período (Taverna & Souza, 2014). O estágio de negação é quando o indivíduo nega a si mesmo a realidade da perda, tentando encontrar uma explicação que não o leve a passar por esse momento. Fortes (2004) acentua que o indivíduo nega a dor, não somente na relação que se

mantém com o seu próprio sofrimento, mas também em relação à interação com o sofrimento do outro.

Considerações Finais

Esse trabalho tem como objetivo compreender as dimensões do negacionismo científico durante a pandemia do Covid-19 a partir das seguintes dimensões: A pandemia de COVID-19 no Brasil, O negacionismo na Pandemia do COVID-19, O Negacionismo e a história, Negacionismo, Negação e Luto, presente no cenário brasileiro, se caracteriza por movimentos político-partidários e por razões econômicas, o que reflete em um fenômeno repleto de profundidades e complexidade.

Do ponto de vista científico, foi possível analisar como esse discurso percorreu o Brasil durante a história, passando pela Revolta da Vacina, Gripe Espanhola e agora, a Covid-19. Com isso, pode-se perceber algumas repetições como no caso do remédio da gripe espanhola, “quinino”, e a cloroquina utilizada em discursos negacionistas ignorando a gravidade do Covid-19. Podemos entender também que esse discurso produz práticas e articulações que não previnem por completo ou não fornecem nenhuma proteção para a população em relação a pandemia, deixando assim, a população em um risco maior que poderia ser evitado.

Por fim, os pesquisadores deixam como sugestão, para agenda de pesquisa, o aprofundamento do papel da ciência na atualidade e como deve ser o posicionamento da ciência em relação aos discursos negacionistas presente na sociedade.

Referências

- Agência Senado (2021). Pesquisas apontam que 400 mil mortes poderiam ser evitadas; governistas questionam — Senado Notícias. Acessado: 24 de Agosto, 2021, de Senado Federal site: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-400-mil-mortes-poderiam-ser-evitadas-governistas-questionam>
- Batista, E. L. (2021). Um em cada quatro usou remédio para tratar precocemente ou prevenir Covid-19, mostra Datafolha - 19/05/2021 - Equilíbrio e Saúde - Folha. Acessado em 22 de Maio de 2021, de Folha de São Paulo site: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/05/um-em-cada-quatro-usou-remedio-para-tratar-precocemente-ou-prevenir-covid-19-mostra-datafolha.shtml>
- Batista, L. (2007) A comunicação dos riscos no mundo corporativo e o conteúdo da mensagem. In: Organicom Ano IV n.06.
- Berlinck, F. (2021). Seis meses após doméstica ser a 1ª a morrer de Covid no RJ, outras profissionais relatam desafios na pandemia | Rio de Janeiro | G1. Acessado em 20 de Maio, 2021, de G1 site: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/09/17/seis-meses-apos-domestica-ser-a-1a-a-morrer-de-covid-no-rj-outras-profissionais-relatam-desafios-na-pandemia.ghtml>
- Borges, L. et al (2020). O aparente dilema implicado pela pandemia da Covid-19 : salvar vidas ou a economia?. Observatório Covid-19, 2020.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2021) Painel Coronavírus. Recuperado de <https://covid.saude.gov.br/>.
- Brasil. Lei no 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a organização da assistência social e dá outras providências. Diário Oficial da União 1993; 8 dez.
- Bontempo, V. L. (2020). ACHILLE MBEMBE E A NOÇÃO DE NECROPOLÍTICA. Sapere Aude, 11(22), 558-572. <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2020v11n22p558-572>

- Buss, Paulo M., et al (2005). “Pandemia pela Covid-19 e multilateralismo: reflexões a meio do caminho”. *Estudos Avançados*, vol. 34, no 99, agosto de 2020, p. 45–64. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.004>.
- Camargo, K R, e Coeli, C, M. (2020). A difícil tarefa de informar em meio a uma pandemia. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* [online]. v. 30, n. 02 [Acessado 21 Maio 2021] , e300203. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300203>>. ISSN 1809-4481. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300203>.
- Cambricoli, F. (2020). Um em cada quatro brasileiros resiste à ideia de tomar vacina contra a covid-19 - Saúde - Estadão. Acessado em 24 de Maio de 2021, de Estadão site: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,um-em-cada-quatro-brasileiros-resiste-a-ideia-de-tomar-vacina-contra-a-covid-19,70003427273>
- Campos Filho, R. (2020). A peste, a gripe espanhola e a covid19 – geografizando as pandemias pelo mundo. *Élisée - Revista De Geografia Da UEG*, 9(1), e912014. Recuperado de <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/10301>
- Caponi, S. (2020). Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos Avançados* [online]. 2020, v. 34, n. 99 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.013>>.
- Carvalho AR, Souza LR, Gonçalves SL, Almeida ERF. (2021) Vulnerabilidade social e crise sanitária no Brasil. *Cad Saúde Pública* 2021; 37:e00071721.
- Castro, R. F. de. (2015). O negacionismo do Holocausto: pseudo-história e história pública. *Resgate: Revista Interdisciplinar De Cultura*, 22(2), 5–12. <https://doi.org/10.20396/resgate.v22i28.8645773>
- Cocentino, J. M. B., & Viana, T. C. (2011). A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 591-599.

Correio Braziliense. (11/07/2020) Veja quem são os empresários que ganham com a cloroquina no Brasil. De. Disponível em <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/07/11/interna-brasil,871362/veja-quem-sao-os-empresarios-que-ganham-com-a-cloroquina-no-brasil.shtml> Acessado em 20/10/2021.

D’Ancona, M (2018). Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. São Paulo: Faro Editorial.

Dunker, C. et al (2017). Ética e pós-verdade. Porto Alegre: Dublinense

Ernesto Perini (2019) . O que move as fake news e o negacionismo científico? [Entrevista cedida a] Marco Weissheimer . Sul 21 , 27 nov . 2019 . Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-que-move-as-fake-news-e-negacionismo-cientifico/> . Acesso em: 10 set. 2020 .

Falavigna M, et al (2020). Diretrizes para o tratamento farmacológico da COVID-19. Consenso da Associação de Medicina Intensiva Brasileira, da Sociedade Brasileira de Infectologia e da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia. Rev Bras Ter Intensiva. Jun 2020;32(2):166- 96. doi: <https://doi.org/10.5935/0103-507x.20200039>.

Fernandes, T. M., & Pinheiro, V. A. (2021). Negação e Negacionismo no Brasil: vacinas antivariólica e anti-covid-19 . *Ponta De Lança: Revista Eletrônica De História, Memória & Cultura*, 15(29), 14 - 36. Recuperado de <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/16496>

Fortes, I. (2004). O Sofrimento na Cultura Atual: hedonismo versus alteridade. In: C. A. Peixoto (org). Formas de subjetivação (69-93). Rio de Janeiro: Contra Capa.

Freud, S. (1900) “A Interpretação dos Sonhos”. Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores. v. IV e V, p.3-747

- Freud, S. (1925) “A negativa”. Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores. v. XX. p.293-300.
- Giovanella, Ligia et al (2021). Negacionismo, desdém e mortes: notas sobre a atuação criminoso do governo federal brasileiro no enfrentamento da Covid-19. *Saúde em Debate* [online]. v. 44, n. 126, pp. 895-901. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104202012623>>. ISSN 2358-2898.
- Greer S. L, et al (2020). The comparative politics of COVID-19: The need to understand government responses. *Glob Public Health*. 2020; 15(9):1413-16. doi: <https://doi.org/10.1080/17441692.2020.1783340>.
- Jucá, J., & Ferrari, M. (2021). Veja o ranking dos países que mais vacinaram contra Covid-19; Brasil é 46°. Acessado em 20 de Maio, 2021, de CNN Brasil site: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/01/28/veja-o-ranking-dos-paises-que-mais-vacinaram-contracovid-19-brasil-e-46>
- Jorge, Marco Antonio Coutinho, Mello, Denise Maurano e Nunes, Macla RibeiroMedo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento - e luto: afetos do sujeito da pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2020, v. 23, n. 3 [Acessado 11 Março 2022] , pp. 583-596. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p583.9>>. Epub 30 Out 2020. ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p583.9>.
- Lopes, I., & Leal, D. (2020). Entre a pandemia e o negacionismo: a comunicação de riscos da Covid-19 pelo governo brasileiro. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, 1(145), 261-280. doi:<https://doi.org/10.16921/chasqui.v1i145.4350>
- Mandetta, L. H. (2020) Um paciente chamado Brasil. Os bastidores da luta contra o coronavírus. Editora Objetiva ISBN: 9788547001148.

- Muratori, M. (2021). Sem máscara, Pazuello participa de ato com Bolsonaro no Rio de Janeiro - Política - Estado de Minas. Acessado em 22 de Maio 2021, de Estado de Minas site: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/23/interna_politica,1269386/sem-mascara-pazuello-participa-de-ato-com-bolsonaro-no-rio-de-janeiro.shtml
- Morel, Ana Paula Massadar (2021). Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. Trabalho, Educação e Saúde [online]. 2021, v. 19 [Acessado 27 Setembro 2021], e00315147. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00315>>. Epub 11 Jan 2021. ISSN 1981-7746. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00315>.
- Organização Mundial da Saúde. (2018) Comunicação de riscos em emergências de saúde pública: um guia da OMS para políticas e práticas em comunicação de risco de emergência. Genebra: WHO.
- Organização Mundial da Saúde. (2020). Draft landscape of COVID-19 candidate vaccines - 2 December 2020. Acessado em 20 de Maio, 2021 <https://www.who.int/publications/m/item/draft-landscape-of-covid-19-candidate-vaccines>
- Rodrigues, D. A. (2021). Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi - 05/03/2021 - Poder - Folha. Acessado em 23 de Maio de 2021, de Folha de S.Paulo site: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>
- Rouso, H. (1990). *Le syndrôme de Vichy*
- Schwarcz, L. M.; Starling, H. M. (2020) A Bailarina da Morte: a gripe espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

- Taverna, G., & Souza, W. (2014). O luto e suas realidades humanas diante da perda e do sofrimento. *Caderno Teológico da PUCPR, Curitiba*, 2(2), 39-54.
- Verani, Jose Fernando (2011). “Vacina antivariólica: ciência, técnica e o poder dos homens, 1808-1920”. *Cadernos de Saúde Pública*, vol. 27, no 2, fevereiro de 2011, p. 396–97. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000200022>.
- Wang Y, McKee M, Torbica A, Stuckler D. Systematic literature review on the spread of health-related misinformation on social media. *Soc Sci Med.* 2019; 240:112552. doi: 10.1016/j.socscimed.2019. 112552
- World Health Organization (2020). Director-General's statement on IHR Emergency Committee on Novel Coronavirus (2019-nCoV), Genebra, 2020. [https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ihr-emergency-committee-on-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ihr-emergency-committee-on-novel-coronavirus-(2019-ncov)) (acessado em 28/Nov/2021). [https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ihr-emergency-committee-on-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ihr-emergency-committee-on-novel-coronavirus-(2019-ncov)).